

Research Paper

## Um olhar exploratório sobre o Turismo Voluntário An exploratory study on Voluntary Tourism

Submitted in August 30, 2019

Accepted in December 4, 2019

Evaluated by a double blind review system

**IDALINA CALDAS<sup>1</sup>**

**HUGO MACHADO<sup>2</sup>**

**BRUNO SOUSA<sup>3</sup>**

**LAURENTINA VAREIRO<sup>4</sup>**

### RESUMO

**Objetivo:** O presente caso de estudo tem como propósito dar a conhecer o turismo voluntário como um segmento ou nicho de mercado ainda pouco explorado. Em paralelo, pretende-se analisar a sua progressão ao longo das últimas décadas, demonstrando de forma explícita como essa evolução tem cooperado para o desenvolvimento, a nível internacional, nacional e local.

**Desenho/Metodologia/Abordagem:** Numa primeira fase proceder-se-á a uma análise documental com o objetivo de clarificar conceitos ligados à temática do turismo voluntário. Seguidamente, realizar-se-ão entrevistas a elementos envolvidos nesta vertente de turismo em estudo, no intuito de perceber a motivação solidária que agrega e conhecer os consumidores tipo deste segmento.

**Resultados:** Com base na revisão de literatura e entrevistas realizadas, pode-se afirmar que é notório o benefício que resulta do voluntariado, quer para os mentores deste tipo de ações, quer para as comunidades intervencionadas e até para os próprios voluntários. Os resultados evidenciam a importância crescente do turismo como uma atividade segmentada (em específico, turismo numa ótica social e solidária).

**Implicações práticas:** O principal contributo desta investigação assenta na identificação da realidade afeta às necessidades que o turismo voluntário acarreta. Os testemunhos na primeira pessoa potenciam o incentivo desta prática que, em pleno século XXI, é uma realidade “camuflada”.

**Limitações:** O enquadramento teórico explana o conceito de turismo voluntário de forma clara; no entanto, constata-se que ao nível de dados estatísticos, os mesmos apenas contemplam o trabalho voluntário.

**Originalidade/Valor:** Este trabalho contribui para uma melhor perceção acerca do perfil e motivações do turista voluntário. Numa perspetiva interdisciplinar, este estudo apresenta inputs para o turismo, para o marketing (segmentação) e desenvolvimento local.

---

<sup>1</sup> Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA), Portugal. E-mail: a11842@alunos.ipca.pt

<sup>2</sup> Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA), Portugal. E-mail: hugoandre.9@hotmail.com

<sup>3</sup> Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) – CiTUR e UNIAG, Portugal. E-mail: bsousa@ipca.pt.

<sup>4</sup> Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) – UNIAG. E-mail: lvareiro@ipca.pt.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Comunitário; Turismo; Turismo Voluntário; Voluntariado.

## ABSTRACT

**Purpose:** The purpose of this case study is to make volunteer tourism known as a segment and/or niche market that has not yet been explored. In this context, this preliminary research intends to analyze the progression over the last decades, showing explicitly how this evolution has cooperated for development, at international, national and local level (e.g. voluntary tourism as a trend and a distinct tourism segment).

**Design/Methodology/Approach:** In a first phase, a documentary analysis will be carried out in order to clarify concepts related to the scientific topic of voluntary tourism. Afterwards, interviews will be held with those involved in this aspect of tourism under study, in order to understand the solidarity motivation that aggregates and know the type consumers of this segment.

**Findings:** Based on a literature review and interviews, it is possible to state that the benefits of volunteering are notorious, both for the mentors of this type of actions and for the communities involved and even for the volunteers themselves. The results highlight the growing importance of tourism as a segmented activity (specifically, tourism in a social and solidarity perspective).

**Implications:** The main contribution of this exploratory research is based on the identification of the reality affects the needs that voluntary tourism entails. The testimonies in the first person foster the encouragement of this practice which, in the middle of the 21st century, is a "camouflaged" reality.

**Originality/Value:** It is considered that the effective value of this research is centered on the modelling of an achievable and entrepreneurial concept, which merges with the particularities of a low-density territory, whose success will have to go through the creation of wealth in the region and full restructuring of Trás-os-Montes, as a mediator and integrator project of the whole region, in a configuration of the brand "Trás-os-Montes". The originality of the work is related to the reflection on a non-existent route, unlike the majority of works in this area that focus on realities already in operation.

**Limitations:** This preliminary research contributes to a better perception about the profile and motivations of the volunteer tourist. In an interdisciplinary perspective, this study presents inputs for tourism, for marketing (segmentation) and local development.

**Keywords:** Community Development; Tourism; Voluntary Tourism; Volunteering.

## 1. Introdução

O turismo é, cada vez mais, uma atividade segmentada e onde frequentemente surgem interesses individuais distintos (i.e., segmentos ou nichos turísticos). É notório o peso e a importância que o turismo apresenta para o crescimento de um território, ao nível do contributo para o PIB e geração de novos empregos. O turismo apresenta-se como um fenómeno multifacetado e uma atividade geograficamente complexa, na qual cada vez mais surgem novos e distintos segmentos e nichos de mercado. Contudo, são vários os

segmentos e nichos que vão surgindo no mercado de forma a satisfazer as necessidades dos seus consumidores (Sousa & Simões, 2010; Sousa & Simões, 2018). Assim o turismo voluntário é visto como a adoção recíproca e mútua de uma relação benéfica quer para os voluntários quer para as comunidades intervencionadas. É, também, visto como uma oportunidade para a viagem sustentável, baseada no altruísmo e no desenvolvimento pessoal que os participantes obtêm dessa mesma experiência, tal como, no desenvolvimento da região e da comunidade nela inserida (Callanan & Thomas, 2005; Higgins-Desbiolles, 2003; Stoddart & Rogerson, 2004; Wearing, 2001, 2002, 2004; Vareiro et al., 2014; Ferreira, Sousa & Gonçalves, 2018; Sousa & Rocha, 2019). A realização deste trabalho explana a revisão de literatura que permitiu perceber o conceito de turismo voluntário e ter uma visão mais consistente relativamente a motivação solidária que agrega. Sendo um nicho de mercado ainda pouco explorado, a entrevista a alguns adeptos desta temática, com base no relato das suas experiências complementam este estudo permitindo um olhar mais abrangente sobre o turismo voluntário. Face ao exposto, o presente caso de estudo tem como propósito dar a conhecer o turismo voluntário como um segmento ou nicho de mercado ainda pouco explorado. Em paralelo, pretende-se analisar a sua progressão ao longo das últimas décadas, demonstrando de forma explícita como essa evolução tem cooperado para o desenvolvimento, a nível internacional, nacional e local. Numa primeira fase proceder-se-á a uma análise documental com o objetivo de clarificar conceitos ligados à temática do turismo voluntário. Seguidamente, realizar-se-ão entrevistas a elementos envolvidos nesta vertente de turismo em estudo, no intuito de perceber a motivação solidária que agrega e conhecer os consumidores tipo deste segmento.

## **2. Enquadramento teórico**

### *2.1. Evolução do conceito de turismo*

O ser humano é por natureza imbuído de uma insatisfação desmedida, uma vez que vive para consumir para lá do que está disponível para o seu consumo. A necessidade de procurar produtos, aqueles que realmente satisfazem os seus desejos, levam ao aparecimento da atividade económica. E nesta enquadra-se a atividade turística. Definir o conceito de turismo tem gerado alguma controvérsia, uma vez que este, enquanto conceito e atividade, tem evoluído ao longo do tempo, em especial nas últimas décadas. Esta crescente evolução do sector é acompanhada por uma evolução do termo ao longo dos anos, e perante a frequência com que o mesmo é utilizado, a realidade constatada é que a opinião dos vários autores gera e varia nos seus pensamentos, ideais e definições. Segundo a Organização Mundial do Turismo (1994, p.3), “O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”. Uma definição mais elaborada pertence a Walter Hunziker e Kurt Krapf (1942). Estes consideraram-no como sendo “o conjunto de relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal”.

Relativamente à definição de turismo com a conotação de viagem, de acordo com Burkart e Medlik (1981), esta é definida como os “deslocamentos curtos e temporais das pessoas para destinos fora do lugar de residência e de trabalho e as atividades empreendidas durante a estada nesses destinos”. Perante tanta diversidade relativamente ao conceito de turismo, Bucho (2010) afirma que independentemente daquele que se escolha e seja qual

for o prisma pelo qual se analise este fenómeno, é indiscutível a componente principal que o caracteriza, ou seja, o turismo presume a deslocação das pessoas, a viagem.

Muitos são os autores que têm escrito acerca deste conceito, mas “o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas 10 necessidades”, é a definição tida como mais esclarecedora para Mathienson e Wall (1982). O turismo é hoje parte integrante da vida das sociedades contemporâneas. No entanto, o conceito nem sempre é utilizado ou percebido de igual forma por quem ouve o termo. Para alguns é algo muito importante, uma vez que é decisivo para a sua sobrevivência, pelo facto de oferecer emprego e de gerar rendimento. Outros veem o turismo apenas como sendo algo para os ricos e desocupados (Cunha, 2013). Assim, perante tantas definições, Cunha & Abrantes (2011, p.17) definem o turismo como sendo “o conjunto de atividades desenvolvidas pelos visitantes em razão das suas deslocações, as atrações e os meios que as originam, as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades e os fenómenos resultantes de umas e de outras”.

## 2.2. *Voluntariado*

De acordo com o Art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de novembro o “Voluntariado é o conjunto de ações de interesse social e comunitário, realizadas de forma desinteressada por pessoas, no âmbito de projetos, programas e outras formas de intervenção ao serviço dos indivíduos, das famílias e da comunidade, desenvolvidos sem fins lucrativos por entidades públicas ou privadas”. A Confederação Portuguesa do Voluntariado, doravante CPV, foi constituída a 19 de janeiro de 2007. Tem como finalidade representar os voluntários de Portugal e as respetivas organizações, quaisquer que sejam os seus domínios de atividade e contribuir para a defesa dos respetivos direitos e interesses.

Fazem parte dos seus objetivos: representar os voluntários de Portugal; preservar e atualizar a identidade do voluntariado; cooperar com as organizações federadas, atuar na cooperação entre as organizações de voluntariado e entre estas e outras entidades; intensificar o papel do voluntariado na sociedade portuguesa. A CPV (<http://www.convoluntariado.pt>) congrega atualmente 35 organizações de voluntariado e promotoras de voluntariado – associações singulares, federações e confederações – com variados objetos de atuação, de âmbito nacional. Os Bancos Locais de Voluntariado são um espaço de encontro entre as pessoas que expressam a sua disponibilidade e vontade para serem voluntárias e as organizações promotoras, interessadas em integrar voluntários/as nos seus projetos e coordenar o exercício da sua atividade. Em suma, visa acolher candidaturas de pessoas interessadas em fazer Voluntariado, bem como receber solicitações de voluntários/as por parte de organizações promotoras; proceder ao encaminhamento de voluntários/as para organizações promotoras de Voluntariado; acompanhar a inserção de voluntários/as nas organizações promotoras de voluntariado; disponibilizar ao público informações sobre o Voluntariado e organizar ações de formação inicial para os/as voluntários/as.

## 2.3. *Turismo voluntário*

O turismo voluntário é central num modelo de alternativas ao turismo (Brown & Morrison, 2003; Callanan & Thomas, 2005; Stoddart & Rogerson, 2004; Wearing, 2001, 2002). O conceito de voluntariado foi fundado com noções de altruísmo e de

desenvolvimento pessoal, incluindo sempre o trabalho para a causa que os voluntários acreditam, para eles sentirem que realizaram algo (Sheard, 1992; Wearing, 2001) O turismo voluntário é geralmente aplicado a turistas que, por diversas razões, se voluntariam de forma organizada para tirar férias o que pode envolver, ajudar ou aliviar a pobreza material de alguns grupos na sociedade (Wearing, 2001:1). O turismo voluntário pode fazer parte de um projeto de curto tempo, “gap-year” (Simpson, 2004), “mini-mission” (Brown & Morrison, 2003), participação em programas de pesquisa ambiental (Ellis, 2003) ou programas de mudança cultural (Lyons, 2003). Os efeitos a longo prazo conseguem ser percebidos, sendo esses efeitos positivos. Experiências interculturais podem ser uma rica fonte de narrativa, de aprendizagem, apreciação, inspiração, respeito cultural, solidariedade e igualdade na busca de modelos sustentáveis de turismo (Butler & Hinch, 1996; Sofield, 1991).

O turismo voluntário tem sido amplamente elogiado como forma ideal de turismo que é benéfico para todos os envolvidos. Quem o pratica, supostamente, não são mais indiferentes hedonistas, mas sim embaixadores compassivos de boa vontade, e as comunidades anfitriãs não são mais objetos de exploração e mercantilização. O turismo voluntário tem sido posicionado na antítese do turismo de massas e a todos os problemas normalmente associados ao mesmo. Brown (2005) diz que as férias voluntárias propõem uma infusão de divergência ideológica das prioridades de mercado do turismo de massas.

Numerosos estudos identificaram e descreveram vários benefícios que derivam do turismo voluntário ou da boa prática social nomeadamente: a realização pessoal de quem o pratica, a melhoria das condições de vida das comunidades intervencionadas, entre outros (e.g., Crabtree, 1998; Wearing, 2001; Broad, 2003; Brown & Morrison, 2003; Ellis, 2003; Singh & Singh, 2004; Brown, 2005; Jones, 2005; McGehee & Santos, 2005; Clifton & Benson, 2006; Zahra & Mcintosh, 2007; Lepp, 2008; Mcintosh & Zahra, 2008; Ruhanen et al., 2008; Wearing et al., 2008; Casais & Sousa, 2019; Sousa & Soares, 2019). O aparente benefício do turismo voluntário certamente não deve ser desconsiderado, mas é vital reconhecer que tais benefícios são potenciais e não consequências inevitáveis do turismo voluntário. De facto, há razões para acreditar que tais benefícios podem ser muito menos comuns do que grande parte dos estudos sugerem. Além disso, o turismo voluntário tem, também, o potencial de produzir impactos negativos nos indivíduos e nas comunidades envolvidas, nomeadamente, a perda de autenticidade dos lugares visitados, o consumo de produtos importados em detrimento dos produtos locais, a diminuição de postos de trabalhos, entre outros (Guttentag, 2009).

O trabalho que os voluntários desempenham representa um benefício intrínseco do turismo voluntário, até porque o turismo voluntário apenas envolve voluntários de países desenvolvidos a trabalhar em países subdesenvolvidos (Higgins-Desbiolles & Russell Mundine, 2008, p. 187; Sin, 2009, p. 495-496). Todavia, para uma forma de turismo que alega ser particularmente sustentável, os impactos a longo prazo e o potencial de consequências nos projetos de voluntariado nunca receberam muita atenção. Um dos exemplos é a dependência que este tipo de turismo cria nas comunidades, habituando-as a procurar fontes de assistência externa, que representam ganhos imediatos, mas que impede que a comunidade aprenda a desenvolver-se. Essa dependência também torna as comunidades altamente vulneráveis pois o voluntariado pode acabar a qualquer momento. McGehee e Andereck (2008) encontram uma grande preocupação para as organizações locais no caso da dependência do turismo voluntário. Outro impacto é que o trabalho que será desempenhado pelos voluntários está a reduzir as oportunidades de emprego aos locais. Os estudos efetuados (Wearing, 2001; Broad, 2003; Galley & Clifton, 2004; Stoddart & Rogerson, 2004; Rehberg, 2005; Campbell & Smith, 2006; Clifton & Benson,

2006; Pike & Beames, 2007; McIntosh & Zahra, 2008; Soderman & Snead, 2008) descobriram repetidamente que os voluntários são motivados por razões pessoais sobrepostas ao altruísmo. As diversas mudanças pessoais que os voluntários podem experimentar incluem notoriedade pessoal, maior confiança e maior autossatisfação (Wearing, 2001), bem como, crescimento pessoal, rejeição do materialismo (Brown, 2005), aumentando as suas competências interpessoais, aumentando também a facilidade em resolver problemas e aumentando as suas capacidades comunicativas (Jones, 2005). Isto leva a que os voluntários acabem por produzir a situação em que se focam muito neles, por oposição aos ganhos da comunidade residente. Na verdade, um ambiente no qual um grupo privilegiado está a doar o seu tempo e outro grupo desprivilegiado está a receber assistência não é particularmente propício para produzir um poder igual na relação. O turismo voluntário propicia também um ganho emocional forte por parte do voluntário, porque passa a valorizar determinadas coisas que tem no seu país e que vivencia situações complementemente opostos e de pauperismo.

O turismo voluntário começa a crescer, a ficar disponível e a ser popular em diferentes partes do mundo. Apesar da sua aparente virtude e do seu bom posicionamento como uma forma de “justiça” ou de “boa vontade” turística, críticos no público, sobretudo nos media, geralmente na forma de comentários de jornal, cada vez mais começaram a questionar a eficácia ou o valor “real” do turismo voluntário. É central para o turismo voluntário a ideia de que empreendimentos turísticos podem e devem trazer impactos positivos para os locais nos destinos de hospedagem. O turismo massificado é constantemente criticado pela sua falha de prometer dinamizar e desenvolver países, enquanto reforçam dependências. Wearing (2004) sugere também que o turismo voluntário tem influências positivas sobre os seus participantes, e essa linha de pensamento é ecoada em muitos outros trabalhos académicos - o turismo voluntário é frequentemente visto como uma alternativa aos males observados noutras formas de turismo (Gray & Campbell, 2007).

Recentemente, líderes políticos e comunitários começaram a promover os benefícios do intercâmbio cultural, incluindo o turismo do ano sabático (gap year), como forma factual de educação cívica que promulga uma aceitação e tolerância da diversidade cultural e concebe o desenvolvimento de cidadania. O “gap year” é definido como o período durante o qual uma pessoa atrasa a sua educação ou emprego para viajar (Millington, 2005). O turismo voluntário realizado durante o ano sabático é um fenómeno em constante crescimento (Lyons & Wearing, 2008; Soderman & Snead, 2008). De acordo com este crescimento no interesse do voluntariado tem havido uma proliferação de projetos voluntários. Enquanto muitos voluntários viajam para o exterior para satisfazer o seu interesse em experimentar outros lugares e culturas também existem casos de turismo voluntário doméstico. Os turistas do “gap year” são um mercado-alvo chave de instituições de caridade e organizações não governamentais que procuram voluntários porque não são jovens e “fisicamente aptos”, mas tipicamente procuram a novidade e autenticidade em lugares exóticos (Soderman & Snead, 2008).

Altruísmo é uma explicação comum usada pelos turistas voluntários, mas o autodesenvolvimento e a aventura também são citados como fortes motivadores (Wearing, 2001; Callanan & Thomas, 2005; Pearce & Coghlan, 2008; Sin, 2009). Para Pearce e Coghlan (2008, p.134) a adolescência prolongada facilitada pelo apoio financeiro mais longo por parte dos pais, a expansão das “oportunidades de viagem promovidas pela Internet”, a menor preocupação com as “consequências a longo prazo ou das suas escolhas”, e sua “maior conscientização dos problemas globais são os motivadores inerentes ao turismo no “gap year”. O turismo voluntário foi conceptualizado como uma forma alternativa à experiência que move o turista, além de simplesmente

visitar ou passar através de um lugar como um “outsider”. Em vez disso, o turista voluntário passa tempo a viver e contribuir de forma positiva para uma comunidade. Raymond e Hall (2008, p. 530) argumentam que os projetos de turismo voluntário precisam ser cuidadosamente geridos a fim de evitar "mal-entendidos transculturais e o reforço de estereótipos culturais ". O estabelecimento de interesses comerciais na oferta de pacotes de turismo voluntário ainda problematiza tais questões (Callanan & Thomas, 2005; Mowforth & Munt, 2009). Apesar dessas críticas importantes, pode-se argumentar que o recente crescimento do "turismo voluntário" como uma experiência alternativa de turismo sugere que um caminho para a cidadania global possa existir dentro do contexto do neoliberalismo.

Soderman e Snead (2008) descobriram que o voluntariado no exterior era frequentemente considerado pelos voluntários como "útil" para carreiras futuras, particularmente em termos de desenvolvimento de competências linguísticas e no fornecimento de contactos. Eles argumentam que um "altruísmo recíproco", pelo qual o voluntário também recebe benefícios do seu voluntariado, está em ação aqui. Callanan e Thomas (2005) categorizaram turistas voluntários em três grupos, incluindo voluntários rasos, intermediários e profundos. Eles argumentam que quanto menor o tempo dedicado a um projeto, maior a probabilidade de entrar no mesmo, e nesses casos, o destino é muito mais importante que o projeto. Em contraste, para o turista voluntário "profundo", aqueles indivíduos com habilidades específicas do projeto que passam muitos meses a trabalhar para melhorar as condições nas comunidades de acolhimento, "os motivos de “autointeresse” são secundários para os altruístas " (Callanan & Thomas, 2005, p.196).

### 3. Metodologia

O trabalho exposto advém de uma proposta de análise de um nicho de mercado ainda pouco explorado, sendo que para a sua concretização realizou-se uma análise documental, nomeadamente livros, artigos científicos, e dados estatísticos oficiais. No intuito de complementar o estudo de caso procedeu-se a elaboração de entrevistas semiestruturadas a cinco entusiastas desta modalidade baseada nos seguintes critérios:

- Dados sociodemográficos
- Países intervencionados
- Gosto pela prática do voluntariado
- Experiência no terreno
- Sonhos futuros

Entendeu-se que o testemunho dos voluntários seria de extrema importância pelo facto de dar a conhecer o seu perfil e motivações, bem como as experiências vividas e desvendar projetos futuros. As entrevistas foram desenvolvidas tendo em consideração o grau de conhecimento e profundidade dos especialistas. Foram conduzidas cinco entrevistas em profundidade no mês de novembro de 2018. O objetivo das entrevistas é sempre o de explicar o ponto de vista dos participantes, como pensam, interpretam ou explicam o seu comportamento no contexto natural em estudo” (Coutinho, 2011: 291). De acordo com Sousa e Soares (2019), uma das técnicas escolhidas para a recolha de dados primários foi a entrevista semiestruturada. Este género de instrumento facilita a partilha de perspetivas, histórias e experiências, por parte dos entrevistados, sobre o fenómeno observado pelo entrevistador (Wahyuni, 2012). Pretendeu-se, através deste tipo de entrevista, usufruir de uma definição pré-determinada de temas e questões a abordar,

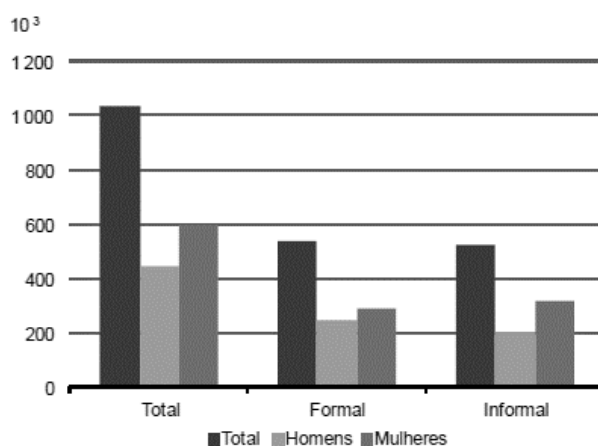
como numa entrevista estruturada, ao mesmo tempo que se mantém a flexibilidade suficiente para que o entrevistado fale livremente sobre qualquer tópico que surja durante a entrevista. Foi desenvolvido um guião orientador com as questões em função dos objetivos específicos de investigação, dotado de alguma flexibilidade e maleabilidade, possibilitando a adaptação das questões colocadas e a sua ordem em função do desenrolar da entrevista.

## 4. Análise dos dados

### 4.1. Voluntariado em Portugal

Estima-se que 11,5% da população residente cuja faixa etária ronda os 15 ou mais anos participou em, pelo menos, uma atividade de cariz formal e/ou informal de trabalho voluntário, o que corresponde aproximadamente a 1 milhão e 40 mil voluntários. Cerca de metade do total de voluntários efetuou uma atividade voluntária através de uma organização ou instituição, ou seja, voluntariado formal (51,6%), respeitante a 5,9% da população residente com 15 ou mais anos. Assim, verifica-se que a percentagem de mulheres a fazer voluntariado foi superior à dos homens (57,3% vs. 42,7%), mostrando que cerca de 595 626 mulheres estiveram envolvidas em, pelo menos, uma atividade de trabalho voluntário (INE, 2013).

**Figura 1 – Total de voluntários, por género e tipo de voluntariado**



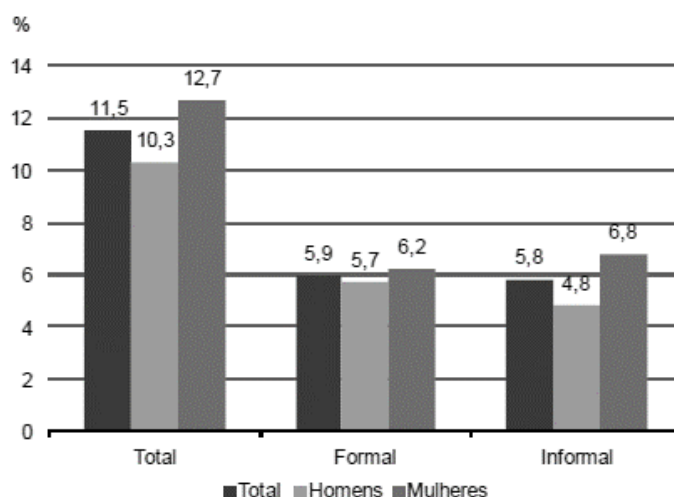
Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

A taxa de voluntariado por parte das mulheres (12,7%) foi superior comparativamente à dos homens (10,3%), no que alude quer ao contexto formal (6,2% vs. 5,7%), quer ao contexto informal (6,8% vs. 4,8%).

No que respeita à idade das pessoas voluntárias, confirmaram-se os seguintes valores relativos à taxa de voluntariado: 11,6% no escalão dos 15-24 anos, 13,1% no escalão dos 25-44 e 12,7% no escalão dos 45-64 anos. Assim, verifica-se uma taxa inferior de voluntariado no último escalão: 7,3% dos residentes com 65 anos ou mais anos participou em ações de voluntariado.

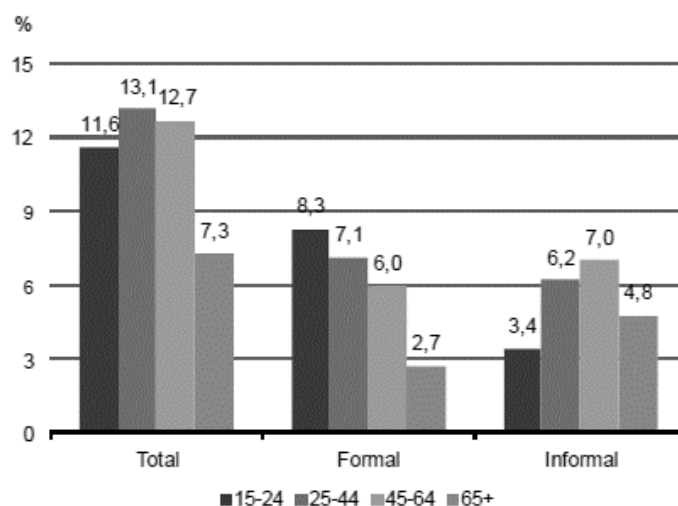


**Figura 2 – Taxa de voluntariado, por sexo e tipo de trabalho voluntário**



Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

**Figura 3 – Taxa de voluntariado, por escalão etário e tipo de trabalho voluntário**

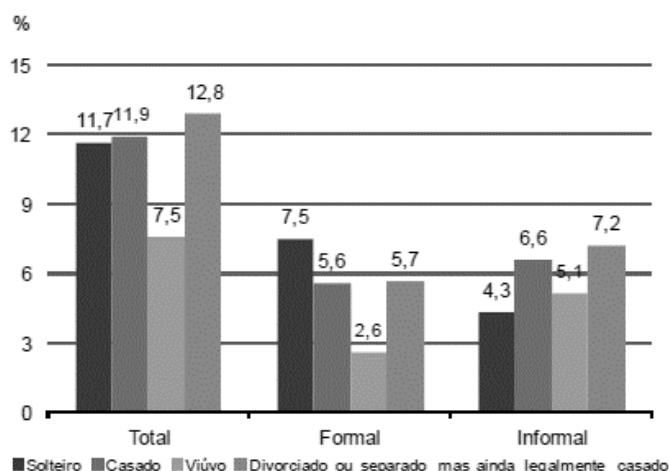


Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

A repartição do trabalho voluntário relativamente ao estado civil consente a apresentação das seguintes taxas de voluntariado: 11,7% nos solteiros, 11,9% nos casados e 12,8% nos divorciados ou separados. A taxa de voluntariado nos indivíduos viúvos revelou-se inferior às anteriores: 7,5% da população residente com 15 ou mais anos, viúva, afirmou fazer trabalho voluntário.

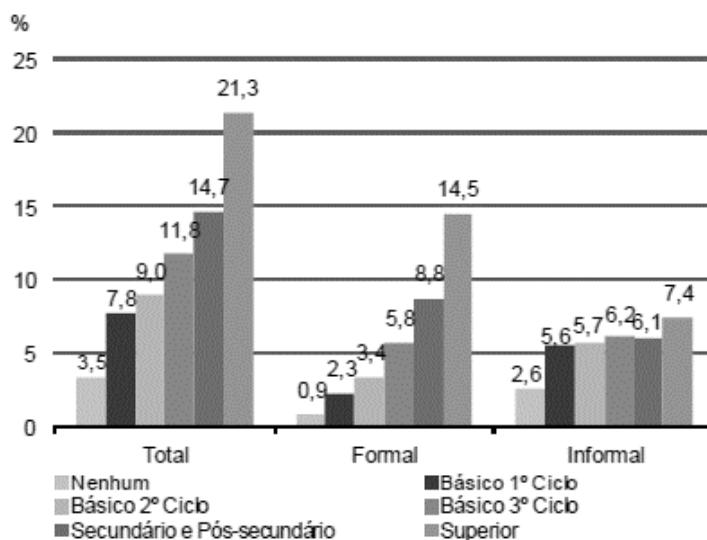
Assim, a nível geral, observa-se que a taxa de voluntariado variou de forma positiva com o nível de escolaridade, especificamente, no que se refere ao voluntariado formal. Posto isto, verifica-se a taxa mais baixa nos voluntários sem nenhum nível de escolaridade (3,5%) e a taxa mais alta nos indivíduos cujos níveis de escolaridade são mais elevados: 21,3%.

**Figura 4 – Taxa de voluntariado, por estado civil e tipo de trabalho voluntário**



Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

**Figura 5 – Taxa de voluntariado, por nível de escolaridade e tipo de trabalho voluntário**

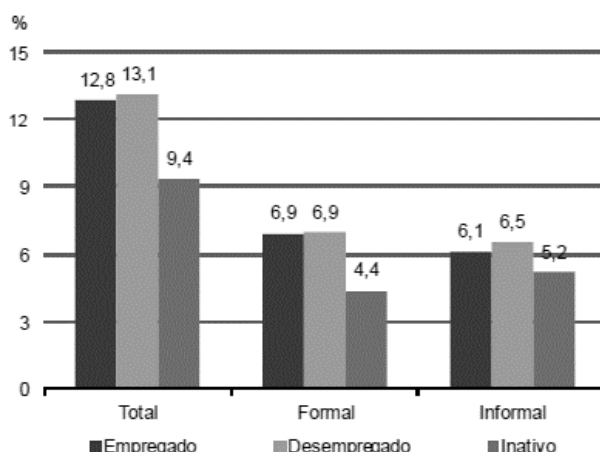


Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

Verifica-se uma taxa de voluntariado deveras próxima para a população quer empregada quer desempregada 12,8% e 13,1%, respetivamente. No que respeita aos inativos observa-se uma taxa inferior, cerca de (9,4%).

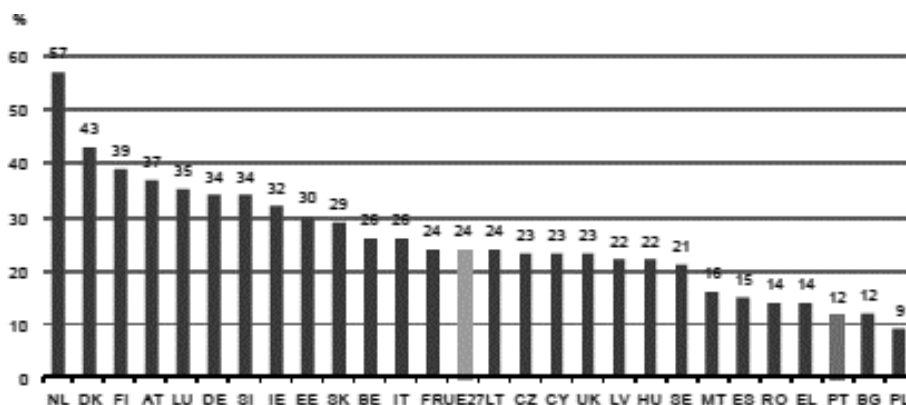
Fazendo uma comparação a nível internacional acerca dos dados do voluntariado é impedida pela ausência de uma fonte singular e de metodologias consonadas a nível europeu. No âmbito do Ano Internacional do Voluntariado 2011 foi efetuado um Inquérito Especial Euro barómetro para 2011, empregue aqui como referência. Assim verifica-se que as maiores taxas de voluntariado ocorreram no norte da Europa, com destaque para a Holanda (57% da população residente com 15 e mais anos afirmou fazer voluntariado). Relativamente aos países da antiga Europa de Leste foram os que apresentaram menores taxas de voluntariado (a Polónia foi o Estado Membro que registou a menor taxa: 9%). No que se refere a Portugal este surgiu em antepenúltimo, com 11,5% (12% no gráfico, por arredondamento), ou seja, comparativamente distante da média da UE (24%).

**Figura 6 – Taxa de voluntariado, por situação no emprego e tipo de trabalho voluntário**



Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

**Figura 7 – Taxa de voluntariado na UE27**



Fonte: Inquérito ao trabalho voluntário (INE, 2013).

#### 4.2. Entrevistas aos voluntários

Os resultados das entrevistas realizadas são expostos tendo em conta os critérios previamente definidos na metodologia. Dos cinco voluntários entrevistados, todos são de nacionalidade portuguesa sendo que três são do sexo masculino e dois do sexo feminino. No que respeita às idades, verificaram-se os seguintes valores: três dos entrevistados encontravam-se na casa dos 25-44 e dois entre os 45-64 anos.

Relativamente ao nível de escolaridade, três possuem o grau de licenciatura e dois possuem o grau de doutoramento. Quanto à situação profissional, os cinco entrevistados estão no ativo. Quando questionados acerca de como surgiu o voluntariado na sua vida, os cinco entrevistados referiram que é algo que faz parte deles; que sempre esteve presente nas suas vidas, fruto das vivências enquanto crianças.

No que se refere ao que que mais o (a) motiva para a realização desta prática, também se verificou unanimidade entre todos, uma vez que todos responderam que era algo que faziam em prol do bem-estar dos outros e que pretendiam continuar com estas práticas altruístas. Todos os entrevistados referem igualmente que antes de viajarem para outros países já praticavam o voluntariado no seu país de origem. Quando questionados acerca

de qual a experiência mais traumática que recorda e qual a melhor, podemos constatar que nenhum se foca no que de menos positivo possa surgir. Verifica-se que dão primazia ao facto de poder dar o melhor de si e que isto se reflete nos sorrisos que vão encontrando no rosto dos mais desfavorecidos, o que faz com que o choro, o medo, a escravatura e a miséria humana com que se cruzam percam força.

A realização destas entrevistas permite perceber que quem vive a experiência do voluntariado uma vez pretende continuar com esta prática, a julgar pelas motivações principais que os entrevistados apresentam: *“Faz parte de mim, da minha maneira de ser”*. *“Se posso ajudar porque não ajudar então? Enquanto puder e souber vou continuar a ajudar.”* *“... saber que posso mudar a vida das pessoas para melhor e ter a noção que há vidas que ganham felicidade com estas pequenas ações de dar ao próximo... ajudar outras pessoas dá-me uma extrema satisfação e o dever de missão cumprida”*. *“Gosto de partilhar, de saber que consigo ajudar alguém a viver melhor.”*

*“...é a vontade de ajudar aqueles que precisam, porque de um momento para outro a vida dá uma volta e podemos ser nós a precisar. Neste caso do campo de refugiados, senti que se tinha tempo e disponibilidade, poderia ajudar outras pessoas como nós que simplesmente tiveram o azar de nascer em lugares fustigados por guerras, fome, pobreza...”*

Com base nas respostas obtidas à questão o que lhe falta ainda realizar no âmbito do turismo voluntário? Podemos constatar que existem ainda sonho futuros nomeadamente:

*“...hei de continuar a fazer porque faz parte da minha maneira de ser, de viver e de estar eu prefiro de x em x tempo dedicar as minhas férias a este tipo de experiências...”*. *“No âmbito do voluntariado o mundo ainda está cheio de desigualdades e injustiças por isso ainda há tudo para fazer”*. *“Tenho a certeza que ainda me falta fazer muito pois quem ajuda hoje ajudará sempre. Gostaria de levar a cabo este projeto comunitário que implementamos em Cabo Verde para outros países como São Tomé e Príncipe, Guiné e Moçambique, países com os quais temos algumas responsabilidades histórias de apoio social. “Quero voltar a Moçambique e ficar mais tempo. Gostava de ver o resultado das “sementes” que semeamos”*. *“Gostava de participar num projeto mais longo onde o impacto pudesse ser ainda maior do que nas ações que fiz até hoje..., gostava também de um dia criar um projeto próprio ou mesmo uma organização e que pudesse contribuir com isso para um mundo melhor”*.

#### **4. Contribuição, limitações e possibilidades futuras**

O presente estudo contribui para uma melhor perceção acerca do perfil e motivações do turista voluntário. O enquadramento teórico explana o conceito de forma clara, no entanto, constata-se que ao nível de dados estatísticos, os mesmos, apenas contemplam o trabalho voluntário. Deste modo, atendendo às dificuldades na obtenção de dados para este caso de estudo, considera-se que seria de extrema importância, uma abordagem mais ampla, a esta temática por parte da comunidade científica. Investigar este nicho, em franco desenvolvimento, poderá ser uma boa forma de o dar a conhecer e consciencializar os indivíduos para a necessidade premente que o mesmo apresenta. O desenvolvimento deste estudo (ainda que exploratório) permitiu obter algum conhecimento acerca do apoio a outras culturas, outras sociedades, vestir a pele de outros povos. Permitiu, igualmente, o despertar de consciências no que respeita à diferença que existe entre aquilo que se adquire com facilidade, sem parar por vezes para lhe dar valor, e aquilo que se pensava fazer parte de um passado longínquo, mas que infelizmente continua em pleno século

XXI a ser a mais pura das realidades. A revisão de literatura efetuada para o caso de estudo mostra que o turismo voluntário é ainda muito recente, desconhecendo-se o perfil, idade e género predefinido para a sua realização.

O presente estudo exploratório procura entender até que ponto os inquiridos conhecem e estão sensibilizados para as práticas de turismo voluntário, procurando identificar soluções e formas de sensibilização sobre a sua importância. Ficou claro que todos os entrevistados se movem por práticas de índole solidário, embora reconheçam que estes são desafios que lhes permitem contactar com outros países, povos e culturas. Viajam pelo mundo, onde o conforto não é presença assídua, mas reconhecem que ainda querem abraçar muitos projetos. Conclui-se que nunca será de mais reconhecer a grandeza do ser humano e agradecer quando este tem a capacidade de largar a sua zona de conforto e serem voluntários em cenários de guerra, de pobreza, de fome, de medo, de escravatura humana. Por muito que a literatura relate e informe acerca do turismo voluntário, estes “5 magníficos” descreveram o voluntariado com ações que encham o coração. Tudo tem mais valor quando estes gestos que mudam vidas são praticados com amor. Com este trabalho pode-se concluir que, se houver vontade, cada um tem algo dentro de si que pode ajudar a minimizar as desigualdades e as dores por elas causadas. Assim se poderá contrariar os dados que mostram que Portugal está ainda muito aquém da média europeia no que respeita ao trabalho voluntário.

## Referências bibliográficas

- Broad, S. (2003). Living the Thai Life - A Case Study of Volunteer Tourism at the Gibbon Rehabilitation Project, Thailand. *Tourism Recreation Research*, 28(3), 63-72.
- Brown, S. e Morrison, A. (2003). Expanding Volunteer Vacation Participation: An Exploratory Study on the Mini-Mission Concept. *Tourism Recreation Research*, 28(3), 73-82.
- Bucho, D. (2010). *Património, Animação e Turismo*. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre.
- Callanan, M., & Thomas, S. (2005). Volunteer tourism: Deconstructing volunteer activities within a dynamic environment. In M. Novelli (Ed.), *Niche tourism: Contemporary issues, trends and cases*, pp. 183–200.
- Casais, B. & Sousa, B. (2019). ‘Portugal, the best destination’: the case study of a CSR communication that changed mentalities and increased business performance. *World Review of Entrepreneurship, Management and Sust. Development*, Vol. 15(1/2), 29-41 <https://doi.org/10.1504/WREMSD.2019.10019893>
- Crabtree, R. (1998). Mutual Empowerment in Cross-Cultural Participatory Development and Service Learning: Lessons in Communication and Social Justice from Projects in El Salvador and Nicaragua. *Journal of Applied Communication Research*, 26(2), 182–209.
- Cunha, L. & Abrantes, A. (2011). *Introdução ao Turismo* (5 edição). Lisboa: Lidel, Edições Técnicas Lda.
- Cunha, L. (2013). *Economia e Política do Turismo* (3 edição). Lisboa: Lidel, Edições Técnicas Lda.
- Ellis, C. (2003). Participatory Environmental Research in Tourism: A Global View. *Tourism Recreation Research*, 28(3), 45-55.

- Ferreira, J., Sousa, B. M., & Gonçalves, F. (2018). Encouraging the subsistence artisan entrepreneurship in handicraft and creative contexts. *Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy*. <https://doi.org/10.1108/JEC-09-2018-0068>
- Galley, G. & Clifton, J. (2004). The Motivational and Demographic Characteristics of Research Ecotourists: Operation Wallacea Volunteers in Southeast Sulawesi, Indonesia. *Journal of Ecotourism*, 3(1), 69–82.
- Gray, N., & Campbell, L. (2007). A decommodified experience? Exploring aesthetic, economic and ethical values for volunteer ecotourism in Costa Rica. *Journal of Sustainable Tourism*, 15(5), 463–482.
- Guttentag, D. (2011). Volunteer tourism: As good as it seems? *Tourism Recreation Research*, 36(1), 69–74.
- Guttentag, D. A. (2009). The Possible Negative Impacts of Volunteer Tourism. *International Journal of Tourism Research*, 11(6), 537–551.
- Jones A. (2005). Assessing International Youth Service Programmes in Two Low Income Countries. Voluntary Action. *The Journal of the Institute for Volunteering Research*, 7(2), 87–100
- Lepp, A. (2008). Discovering Self and Discovering Others through the Taita Discovery Centre Volunteer Tourism Programme, Kenya. In Lyon, K. (Ed.). *Journeys of Discovery in Volunteer Tourism: International Case Study Perspectives*, 86-100.
- Lyons, K. D., & Wearing, S. (2008). Volunteer tourism as alternative tourism: Journeys beyond otherness. In K. D. Lyons & S. Wearing (Eds.), *Journeys of Discovery in Volunteer Tourism: International Case Study Perspectives*, 3–11.
- Lyons, K., Hanley, J., Wearing, S., & Neil, J. (2012). Gap year volunteer tourism. Myths of Global Citizenship? *Annals of Tourism Research*, 39(1), 361–378.
- McGehee, N. & Santos, C. (2005). Social Change, Discourse and Volunteer Tourism. *Annals of Tourism Research*, 32(3), 765-779.
- McIntosh, A. & Zahra, A. (2008). Journeys for Experience: The Experiences of Volunteer Tourists in an Indigenous Community in a Developed Nation-A Case Study of New Zealand. In Lyon, K. and Wearing, S. (Eds) *Journeys of Discovery in Volunteer Tourism*. Cambridge, MA. CABI Publishing: 166-181.
- McIntosh, A., & Zahra, A. (2007). A cultural encounter through volunteer tourism: Towards the ideals of sustainable tourism? *Journal of Sustainable Tourism*, 15(5): 541–556.
- Organização Mundial do Turismo (2001). *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Roca Ltda.
- Pearce, P., & Coghlan, A. (2008). The dynamics behind volunteer tourism. In K. D. Lyons & S. Wearing (Eds.), *Journeys of discovery in volunteer tourism: International Case Study Perspectives*, 130–143.
- Pike, E. & Beames, S.K. (2007). A Critical Interactionist Analysis of ‘Youth Development’ Expeditions. *Leisure Studies* 26(2): 147–159.
- Raymond, E. M., & Hall, C. M. (2008). The development of cross-cultural (mis)understanding through volunteer tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(5), 530–543.

- Ruhanen, L., Cooper, C. & Fa Yos-Sola, E. (2008). Volunteering Tourism Knowledge: A Case from the United Nations World Tourism. In K. D. Lyons & S. Wearing (Eds.), *Journeys of Discovery in Volunteer Tourism: International Case Study Perspectives*, 25-35.
- Sin, H.L. (2009). Volunteer Tourism “Involve Me and I Will Learn”? *Annals of Tourism Research* 36(3), 480–501.
- Singh, S. & Singh, T. (2004). Volunteer Tourism: New Pilgrimages to the Himalayas. In Singh, T.V. (Ed) *New Horizons in Tourism: Strange Experiences and Stranger Practices*, 181-194. Cambridge, MA. CABI Publishing.
- Sousa, B. & Soares, D. (2019). Combat to abandonment and mistreatment of animals: a case study applied to the Public Security Police (Portugal). In M. M. Galan-Ladero & H. M. Alves (Eds.), *Case Studies on Social Marketing*, 245-252. Management for Professionals. Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-04843-3\\_21](https://doi.org/10.1007/978-3-030-04843-3_21)
- Sousa, B., & Rocha, A. (2019). A afetividade na gestão dos territórios e na fixação da população: uma abordagem ao contexto transmontano português. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 15(1), 2-18.
- Sousa, B. & Simões, C. (2018). An Approach on Place Attachment, Involvement and Behavioural Intentions in Iberian Marketing Contexts: The Case of Galicia-North Portugal Euroregion: An Abstract, In P. Rossi & N. Krey (Eds.), *Finding New Ways to Engage and Satisfy Global Customers*, Proceedings of the 2018 Academy of Marketing Science (AMS) World Marketing Congress (WMC), (p. 617). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-02568-7\\_165](https://doi.org/10.1007/978-3-030-02568-7_165).
- Sousa, B., & Simões, C. (2010). Comportamento e perfil do consumidor de turismo de nichos. *Tékhné-Revista de Estudos Politécnicos*, 14, 137-146, ISSN: 1645-9911.
- Stoddart, H. & Rogerson, C.M. (2004) Volunteer tourism: The case of habitat for humanity South Africa. *GeoJournal*, 60, 311–318.
- Vareiro, L., Remoaldo, P., Santos, J., & Ribeiro, J. (2014). Residents’ perceptions on impacts of hosting the “Guimarães 2012 European Capital of Culture”: Comparisons of the pre-and post-2012 ECOC. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 5(21), 135-136.
- Wearing, S. (2001). *Volunteer tourism: Experiences that make a difference*. Wallingford: CABI.
- Wearing, S. (2002). Re-centering the self in volunteer tourism. In G. M. S. Dann (Ed.), *The tourist as a metaphor of the social world* (pp. 237-262). New York: CABI.
- Wearing, S. (2003). Volunteer tourism. *Tourism Recreation Research*, 28(3), 3-4.
- Wearing, S. (2004). Examining best practice in volunteer tourism. In R. A. Stebbins, & M. Graham (Eds.), *Volunteering as leisure/leisure as volunteering: An international assessment*, 209-224. Wallingford: CABI.
- Wearing, S. L., & Wearing, M. (2006). Re-reading the subjugating tourist in neoliberalism: postcolonial otherness and the tourist experience. *Tourism Analysis*, 11(2): 145-162.
- Wearing, S., & Dean, B. (2003). Seeking self-leisure. Soderman, N., & Snead, S. (2008). Opening the gap: The motivation of gap year travellers to volunteer in Latin

America. In K. D. Lyons & S. Wearing (Eds.), *Journeys of discovery in volunteer tourism: International case study perspectives* (pp. 118–129).

### Webgrafia

A Confederação Portuguesa do Voluntariado (CPV), disponível em: <http://www.convoluntariado.pt/> Acedido em 10 de novembro de 2018.

Bancos locais de voluntariado, disponível em <http://www.cases.pt/voluntariado/#organizacoes-voluntariado-nacionais> Acedido em 12 de novembro de 2018

Cidadania ativa e solidária. Art.º 2.º da Lei n.º 71/98, de 3 de Novembro), disponível em <http://www.cases.pt/voluntariado/> Acedido em 10 de novembro de 2018

INE. (2013). Disponível em <https://www.google.pt/search?q=inquerito+ao+trabalho+voluntario+2012&ie=&oe=Acedido em 1 de dezembro de 2018.>

Jornal Negócio (2018). Disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/opiniao/colunistas/economia-social/detalhe/olado-oculto-do-voluntariado> Acedido em 29 de novembro de 2018.